

O DR. F. QUIRINO DOS SANTOS

(Traços biográficos)

I

Quem haverá aí que não goste de saber minuciosamente da vida dos homens de talento, máxime quando se trata de poetas?

Suponho que ninguém, se em semelhante assunto abalanço-me a julgar de todos os gostos pelo meu.

Digam o que quizerem, mas há sempre um certo encanto na página que nos revela as particularidades da existência de certos homens, cujo espírito deleita-nos com as suas produções; interessa-nos a maneira pela qual esse espírito começou a desenvolver-se, a ganhar vulto e a trabalhar.

Confesso que a mim nunca passaram despercebidas essas interessantes histórias que trazem para o domínio do público o íntimo viver dos escritores e dos poetas, histórias sublimes em que há lutas titânicas, vôos prodigiosos, inauditos desalentos, sombras de indecifrável tristeza e clarões de venturas, auroras de glórias e noites de martírios, um mundo de aspirações, de sonhos e de esperanças, finalmente!

Em que desconhecido Jordão batisaram-se as frentes dessas crianças que mais tarde ergueram-se acima do nível das frentes vulgares, circundadas de cintilações inexplicáveis?

De que lúcidas crisálidas costumam sair essas borboletas que resvalam pelo oceano da vida, atrain

do todos os olhares, merecendo todas as admirações?

Eis aí o que o meu espírito pergunta, quando, acompanhando o revolutear das imaginações possantes, compreende que a natureza humana tem mistérios cuja decifração escapa aos olhos das pobres creaturas.

Assalta-me então o espírito profunda e invencível curiosidade.

Tudo o que diz respeito a esses homens superiores interessa-me; uma página de sua vida, um episódio, a certidão de idade, uma anedota, a descrição dos hábitos de sua existência, tudo isto, enfim, tem um atrativo a que se não pode resistir com facilidade.

Como foi, como é a vida deles? Sofrem ou gosam mais que os outros homens?

Porque não naufragaram nas ondas de desalento em que tantos sucumbiram, e vencendo todos os tédios e todas as misérias da terra, todas as contrariedades e indiferenças, saíram vencedores da cruenta batalha da vida?

Porque?

Almas de rija têmpera!

A Providência disse-lhes: ide, sois ricos e fortes; lutai e vencei! trabalhai e glorificai-vos!

E desse brilhante itinerário cumprido à risca, resultou tudo o que o homem pode desejar para o complemento de sua felicidade - o prestígio e a auréola de respeito para a sua frente...

A popularidade, a fama, o nome, finalmente!...

E o nome simpático que acima deixei escri

to, é hoje vantajosamente conhecido, com especialidade, porém, na província de S. Paulo, uma das mais opulentas e prosperas do Brasil.

O humilde autor desses traços biográficos, antes de prosseguir em tão aprazível trabalho, sente uma tal ou qual necessidade de declarar, (e com orgulho o faz) que pertence ao número dos amigos mais chegados do conhecido poeta.

Acedendo ao honroso convite dos laboriosos editores deste livro, (1) entendeu que não obstante a circunstância apontada, a qual poderia ser tida como suspeita ante espiritos mal intencionados, podia e devia, tanto quanto possível na órbita de suas forças, corresponder à amável lembrança, daqueles cavalheiros, escrevendo o que saubesse da vida do conceituado poeta das "Estrelas Errantes".

Dir-me-ão que a tarefa de escrever a biografia de um homem de letras da ordem do Dr. F. Quirino dos Santos, requer, em todos os sentidos, talento mais provado que o meu, competência mais real, para ser desempenhada cabalmente.

Em vista desta observação devo lembrar que seria aqui talvez o lugar mais próprio para eu fazer sentir a condenável indiferença com que a maioria dos nossos contemporâneos folheia as obras literárias dos talentos nacionais, e principalmente dos talentos poéticos.

Daí o passarem estes quasi despercebidos por entre a turba-multa dos positivistas modernos

(1) Este trabalho foi escrito para um Almanaque de Campinas.

que fazem garbo de fechar os ouvidos às melodiosas harmonias dos corações privilegiados.

Os homens de grandes recursos, os que poderiam com o desejável lustre e galhardia tomar a si a iniciativa de estimular as vocações notáveis, por amor do país e em honra de sua nascente literatura, esses vão se deixando levar pela onda turbulenta das paixões políticas, de maneira que não há distrair para os assuntos amenos da poesia seus espíritos pesadamente preocupados.

Entretanto, é forçoso não esquecermos que os créditos de uma nação muito dependem do brilho de sua literatura, e que os nomes dos nossos homens ilustres nos torneios do espírito hão de necessariamente figurar nas páginas da história literária nacional, aos olhos dos vindouros, como atestado irrecusável de triunfos nobilíssimos, em prol da civilização deste tempo.

Compreende-se, portanto, que, em falta de quem melhor desempenhe incumbência de tamanha monta, como esta que ora me assoberba, aproveite a oportunidade de esboçar a biografia de um homem de talento, acerca do qual é provável que mais tarde a crítica competentemente autorizada expend a sua opinião justa e completa.

Quirino dos Santos pertence ao número dos homens poucos afeitos a essas exterioridades pedantescas com que muitos dos nossos festejados poetas aliás boas pessoas em fundo, costumam impor-se às multidões, em plena praça pública.

Nunca ninguém o surpreendeu a querer primar pelo uso do menor dos artifícios romanescos!

Seu porte é sereno e natural; seu olhar

tranquilo; seus movimentos não indicam coisa alguma que se pareça com essa loucura epilética de que nos fala Maudsley, e que tão peculiar é em uma certa escola que por aí andou e anda a caluniar a memória de Byron e a disseminar, a tal propósito, idéias de todo o ponto inaceitáveis.

E no entanto, sôbre a fronte de Quirino dos Santos brilha a tríplice corôa, do poeta, do advogado e do jornalista, caso este que tem feito com que muita gente exclame em transportes de admiração:

- Poeta e advogado!

O que dá perfeitamente a entender que essa boa gente julga a vocação poética incompatível com os árduos labores da advocacia.

Mas isto quando muito dá para o poeta sorrir e lembrar-se dos vários exemplos em desabono daquela suposição, e os quais são de todos os tempos e de todos os países.

A ciência nunca afastou de si a poesia.

Para convencer de uma vez os mais incrédulos, por não dizer os mais ignorantes, basta recordar que Goethe, Schiller, Uhland e Karl Simrock foram bacharéis em direito, e nem por isso deixaram de ser os grandes poetas que o mundo não cessa de admirar, com especialidade os três primeiros.

Pois sem embargo da vida laboriosíssima que pesa sôbre os ombros deste outro advogado, o poeta aparece-nos sempre em todo o esplendor de sua vocação, inspirado, fácil, elegante...

Não me abalançarei a expender aqui juízo crítico sôbre os versos de Quirino dos Santos, senão sim-

plemente a dar uma idéia ligeira do seu talento poético, antes de entrar nas minuciosidades de sua vida pública e particular.

Goethe disse, não me lembro a que propósito, que quem quizesse compreender um poeta tinha necessidade de ir ao país em que o poeta habitasse.

Parodiando mais ou menos esta frase, digo eu por meu turno que para se conhecerem cabalmente os dotes da musa de Quirino dos Santos, é de mistér viver em sua intimidade, estudar o seu gênio, saber de sua vida, ouvir os seus planos e as suas esperanças, admirar as suas crenças e acompanhar os esplendidos vôos de sua alma.

Quem o vê de relance, frio, polido, com o seu leve sorriso de desdém para os enfatuados, quasi sempre reservado e sério, sem expansões à primeira vista, não fará de certo uma idéia dos brilhantes predicados de sua lira, hoje reconhecida e acatada por todos os que prezam as boas letras.

Quais são os principais méritos do poeta?

Abstenho-me de apontá-los, e o mesmo digo a respeito de um ou outro defeito leve de suas produções, já porque seria fora de propósito dar aqui conta minuciosa do juízo que formo delas, já mesmo para não tornar-me imprudente alongando demasiadamente este despretencioso esboço biográfico.

Do autor das "Estrelas Errantes" pode-se dizer o que um biógrafo escreveu com referência ao poeta alemão Martin Opitz: - "um dos grandes méritos

deste poeta repousa na poesia descritiva".

Efetivamente há páginas descritivas de Quirino dos Santos que revelam, desde logo, a sua pronunciada tendência para aquele difficilimo gênero.

Seu modo de dizer tem um encanto penetrante que fala imediatamente ao coração.

Raríssimas vêzes as suas imagens são arrojadas como as de Vitor Hugo ou Castro Alves, mas as suas estrofes têm, em compensação, o lirismo bucólico de Kleist e de Gessner, por vêzes, e as melodias de Lamartine e de Schubart, quasi sempre.

A sua imaginação ostenta o que quer que é do fogo do Oriente, e o verso sai-lhe da pena, a maior parte das vêzes, vigoroso e persuasivo, seja qual for o assunto de que trate. Como prosador seu talento tem sido igualmente festejado.

Quirino dos Santos é redator da "Gazeta de Campinas" há seis anos, e durante esse tempo o escritor político tem dado sobejas provas da notável retidão do seu espírito.

Porém, tempo é já de volver um olhar para o passado e acompanhar desde a mais tenra infancia até hoje, esse belo talento que tudo deve a seus próprios esforços e inquebrantavel vontade no desenvolvimento de suas notáveis tendências.

Seguindo, pois, a necessária ordem cronológica, vejamos a rápida porém interessante biografia do poeta.

Francisco Quirino dos Santos nasceu na formosa cidade de Campinas, (hoje uma das mais florescentes da província de S. Paulo) a 14 de Julho de 1841, conta, portanto, 34 anos de idade.

Seus pais foram: o major Joaquim Quirino dos Santos, cujo carater de fina tẽmpera mereceu sempre o mais profundo respeito e d. Maria Francisca de Paula Santos, senhora de grandes virtudes. Ambos faleceram há bastante tempo, legando a seus filhos o inapreciável tesouro de uma educação austera e social.

Tendo já 9 anos de idade, Francisco Quirino dos Santos entrou para uma escola de primeiras letras, em a qual se conservou por espaço de oito menses somente. Da escola passou a ir viver na fazenda onde tinha sido criado até aquela idade, e aí permaneceu por muito tempo. Essa fazenda, cortada pelo rio Atibáia, era, como ainda hoje é, uma das mais pitorescas do rico município de Campinas.

É fácil de imaginar portanto, a poderosa influência que o formoso local exerceu desde logo sobre a organização delicada do menino. Aí entregou-se ele à leitura dos primeiros livros que encontrou, com essa gentil sofreguidão que é o primeiro sintoma de talento literário nas crianças.

Com o pouco tempo que esteve na escola saiu lendo perfeitamente, de modo que desenvolveu-se-lhe rapidamente imenso gosto pelas leituras amenas, assim de obras em prosa como em verso.

O primeiro livro que lhe caiu nas mãos, depois ^(muito) de ter saboreado as velhas histórias de Carlos Magno, Princesa Magalona e outras deste jaez, foi uma mi

mosa e escolhida coleção de versos em que sobressaíam os de Gonçalves Dias, Amorim, João de Aboim e outros, não menos notáveis poetas nacionais e portugueses, chegando mesmo a decorar a coleção inteira.

Seu espírito como que se sentiu nadar em um mar de inexprimíveis delícias; raiará em sua imaginação uma espécie de fenômeno maravilhoso que foi deixando após si o disco radiante de um desejo vago, ou antes de uma ansiedade até então desconhecida para o juvenil cismador.

Seu pensamento, como um pássaro que desperta de chôfre, agitou as débeis asas e foi aos poucos se levantando às alturas das idealidades sublimes. A aurora de sua vocação começava de despedir os primeiros reverberos cambiantes, e seu gosto pelas misteriosas revelações dos espíritos privilegiados nunca mais descansou. A leitura de livros poéticos e romanescos tornou-se-lhe, desde essa época, necessidade imperiosa.

Assim foi que, depois da coleção mencionada passou a ler outros livros abeberados de atraente e perigoso sentimentalismo, entre eles o célebre romance de Goethe denominado "Werther", que produziu em sua imaginação, nimamente impressionável, extraordinário efeito, segundo os apontamentos que a muito custo pôde obter.

Esgotados os livros que tinha à mão, restava-lhe ainda o recurso dos folhetins do "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro, que ele lia com o mesmo inalterável e profundo interesse, alimentando destarte o seu amor pela literatura.

Afirma o biografado, que este tempo foi aquele em que, se sentiu verdadeiramente poeta, poeta sem a necessidade de materializar sobre o papel as suas aprazíveis impressões; sem a convencional afetação do artifício, sem cuidados pela forma do verso; poeta unicamente pela concentração e pela contemplação, espontâneo, natural e arrebatado em doces enlevos.

Poeta pastoril sem conhecer ainda o diabólico veneno da poesia social!

Os dias inteiros de formosa primavera passava-os ele a divagar pelas florestas, de espingarda ao ombro, ora caçando (único pecado seu que conheço e que aqui posso assinalar), ora descansando à sombra de frondosa árvore e escutando no harmonioso harpejo da brisa campestre o eco misterioso das aspirações infinitas.

Contava então doze anos de idade.

Era tal o seu culto por esse belo e saudável sistema de vida, que não havia arrancá-lo daí nem mesmo as seduçções do viver das cidades.

Às seis horas da manhã, quando o sol tocava as montanhas verdes com as suas primeiras palhetas de ouro, o novo Nemrod ia pelas estradas além, ansioso por fazer levantar no espaço alguma nova Babilônia... de sonhos inocentemente pueris e de ilusões estrondosas e radiantes!

E por essas excursões andava até ao cair da noite, que era quando se recolhia, sem se lembrar do proseísmo chato do almoço e do jantar, o que lhe valia muitas repreensões de sua boa avó e do marido

da mesma, que aliás amavam profundamente o neto.

Algum tempo depois caíram-lhe do bico da pena os seus primeiros versos, mas... coisas estranha! - foi uma sátira!

Ignoro qual a vítima que teve a honra de servir de alvo para a estréia do novo Juvenal, mas o que é inegável é que a sátira tinha a sua boa dose de sal e revelava cuidados de metrificacão muito para merecer elogios maximé tendo o poeta doze anos apenas.

Depois de completar os quatorze, veio para esta Capital com o firme propósito de estudar preparatórios, e em pouco tempo teve a felicidade de ver realizados os seus louváveis intentos, de maneira que concluindo aqueles estudos, (ano de 1859) matriculou-se imediatamente no curso jurídico da Faculdade.

Como acadêmico, Quirino dos Santos distinguuiu-se muito. Estudou e trabalhou.

Nessa bela quadra de sua mocidade escreveu bastante e leu pouquíssimo. Aconteceu-lhe o mesmo que costuma acontecer a todos os neófitos das letras: tomou-o de assalto a irrequieta ambição de nomeada, o natural desejo de aparecer e distinguir-se da turba dos ineptos que de tudo criticam e nada fazem.

Levado por tal impulso colaborou em quase todos os jornais acadêmicos, e não eram poucos, que existiam nesse tempo em que também as associações literárias estiveram muito em voga na tradicional Paulicéia. O novel escritor era membro de quase todas essas associações.

Em companhia de Francisco Rangel Pestana acadêmico distintíssimo e hoje escritor político de

vasta fama, redigiu Quirino dos Santos o "Lírio", jornal literário dedicado ao sexo frágil, e depois a "Razão", folha política na qual escreviam também alguns seus amigos e companheiros de trabalho tais como Belfort Duarte, Campos Sales, Jorge Miranda e seu irmão o falecido João Quirino do Nascimento.

Sustentou lutas renhidas quer no terreno da política, quer no da literatura, pugnando desde então pelos princípios da democracia adiantada, conquanto nesse tempo não se pregasse ainda a teoria republicana, como hoje.

Ao deixar os bancos acadêmicos em 1863, depois de formado, quando o seu talento poético estava em pleno viço, aplaudido por pouquíssimos colegas mais íntimos, desdenhado por muito e desconhecido pela maior parte deles, publicou nesta Capital a sua primeira coleção de versos líricos sob o título - "Estrêlas Errantes", volume de umas setenta e tantas páginas, editado pelo respeitável proprietário do "Correio Paulistano", sr. Capitão Joaquim Roberto de Azevedo Márques.

Este livro teve a mais simpática recepção por parte do público, mas começou a ser devidamente conhecido e apreciado quando do Rio de Janeiro e de Portugal vieram pelos jornais os juízos críticos firmados por autoridades competentes.

Os indifêrentes, os invejosos, esses terríveis e abomináveis espantalhos dos obreiros do espírito, assustaram-se com a vitória do "ousado" principiante, mas tiveram de curvar a cabeça ante a evidência do fato confirmado por opiniões de mór valia.

Na Capital do Império um folhetim do

"Correio Mercantil" assinado por J. C. (João Carlos de Sousa Ferreira, jornalista distinto) pronunciou-se de modo o mais encomiástico possível; Luís Guimarães Júnior, no "Diário do Rio"; Pessanha Pova nos "Anos A cadêmicos" que publicou mais tarde, e assim muitos outros escritores conceituados, foram concordes em expender opinião altamente favorável aos créditos do novo poeta.

Em Lisboa, o afamado escritor sr. Pinheiro Chagas, cujas obras tão aplaudidas são no Brasil, escrevendo no "Arquivo Pitoresco" (1865) uma apreciação das "Estrêlas Errantes", enviou amistosas saudações ao poeta e com elas o mais animador elogio que um literato que começa pode desejar em seus vrilhantes sonhos de glórias!

O "Conimbricense", acreditada folha de Coimbra, apressou-se também em tecer ao inspirado moço brasileiro os mais decididos e insuspeitos louvores. Estava, por consequência firmada a reputação do poeta, contra a qual nada mais pode fazer a crítica das mediocridades impertinentes que em todos os tempos tão desgraçada cópia costuma dar de suas faculdades mancas.

Desde então o nome do dr. Francisco Quirino dos Santos foi-se tornando conhecido de dia em dia.

III

E desde então começou ele a trabalhar no jornalismo político. O poeta cedeu por algum

tempo o lugar ao pensador severo, ao jornalista incansável, ao folhetinista enérgico.

Ligado por laços de cordial amizade ao digno proprietário do "Correio Paulistano", tomou a si a redação dessa importante folha desde janeiro de 1864 até outubro de 1865, e casou-se em abril daquele ano (64) com uma interessante e virtuosa filha do dito proprietário, em honra da qual os nobres sentimentos do poeta impeliram-o a produzir as mais delicadas e maviosas poesias do livro que publicara.

Desejando, porém, mais tarde, afastar-se dos labores árduos e improbos do jornalismo, conseguiu ser nomeado, em fins de 1865, promotor público da cidade de Santos, cargo de que foi demitido - "por conveniência do serviço público", segundo reza uma portaria do ex-presidente desta provincia, dr. Tavares Bastos, sendo a mesma portaria de 10 de setembro de 1867.

Este cargo serviu-o êle com o juiz de Direito dr. Araújo da Cunha, verdadeiro tipo do magistrado íntegro, do qual mereceu sempre os maiores elogios, pelo que se vê desde logo que tal demissão foi um reprovado capricho, um acinte deplorável daquela autoridade, em consequência de se ter declarado hostil ao "Correio Paulistano" de onde retirou as publicações oficiais, e cujo proprietário era, como acima ficou visto, sogro do demitido.

O sr. Tavares Bastos procurava vingar-se a todo o transe, comprometendo de tal arte as prescrições austeras de prudência que ele, como cavalheiro e como suprema autoridade, devia considerar acima de seus

despeitos.

Semelhante ato de precipitação por parte de S. Excia. causou vivos clamores da imprensa, e mesmo dos adversários políticos do dr. Quirino dos Santos. Para se ajuizar da ofensiva injusta, basta dizer que ainda a 3 de outubro do ano em que se deu tão desagradável episódio, isto é, um mês depois da demissão, o demittido recebia do procurador da corôa, D. Francisco Baltazar da Silveira, hoje membro do Supremo Tribunal de Justiça, um honroso ofício que concluía com as seguintes linhas: "Não posso deixar de, em nome da justiça, agradecer, e com louvor, o seu cuidado e zêlo no desempenho dos seus deveres."

Mas o sr. Tavares Bastos precisava, para completar a sua vingança, demittir o funcionário honrado!

Entretanto, manda a verdade que se diga que essa demissão foi uma verdadeira felicidade para o poeta, porque sendo de pouco rendimento o fôro de Santos, protestou renunciar a todos os cargos públicos, retirando-se imediatamente para a sua cidade natal onde, associando-se na advocacia ao seu ilustrado irmão dr. João Quirino, soube ganhar as simpatias dos seus conterrâneos e firmar-se naquele importantissimo ramo de trabalhos.

Desgraçadamente, porém, tendo já o poeta dois filhos, duas lindissimas crianças em as quais concentrava todos os afetos do seu coração, passou pelo horrível desgosto de perde-las logo depois da mudança, causando-lhe este cruel acontecimento uma prostração enorme!

Quanto, porém, à sua carreira na advocacia continuou em prosperidade, e de dia em dia os seus créditos mais se firmavam perante o público.

Em 1869 fundou a "Gazeta de Campinas", de acôrdo com seu respeitável sôgro, a quem pertencia a propriedade do estabelecimento tipográfico, e desde então redigiu assiduamente essa fôlha até hoje, passando, ultimamente, a propriedade do dito estabelecimento a pertencer-lhe.

Nessa importante tarefa da redação de um jornal, que firmara os seus créditos propugnando pelas generosas e adiantadas idéias, o incansável escritor foi, e tem sido, quasi sempre coadjuvado por muitos dos melhores talentos da cidade de Campinas.

Como advogado, Quirino dos Santos tem sabido conquistar invejável conceito, alcançando em diversas épocas esplendidos triunfos na tribuna judiciária, as sim pela firmeza e brilho de suas idéias como pela arrebatadora eloquência de sua palavra inspirada, nas ocasiões em que vem de molde o jogo dos sentimentos elevados. Dentre os seus melhores triunfos na aludida tribuna, o mais saliente foi, por certo, o que derivou da defesa de um réu acusado por um crime que importava a ameaça de ruína de todo o opulento municipio de Campinas, nada menos que uma insurreição...

Os leitores devem ainda lembrar-se de se fato que importava crime de tanta gravidade, e que, por isso mesmo provocando a indignação do povo, chamava sôbre o réu uma odiosidade espantosa, de maneira a não encontrar um advogado que o quizesse defender!

Nomeado ex-offício e de momento para a melindrosa defesa, Quirino dos Santos declarou que aceita va tal incumbência porque a sua profissão era um sacerdocio que lhe impunha deveres irrecusáveis, pelo que mereceu os aplausos de todos os circunstantes, inclusive os dos próprios que estavam indignados contra o réu.

Erguendo-se então diante do imponente auditório pronunciou um vigoroso improviso, que valeu a absolvição do acusado contra a geral expectativa, absolvição essa que fez, portanto, honra aos integérrimos juizes que a proferiram.

Em cargos de eleição popular foi o illustre advogado eleitor em Santos, e tem sido Juiz de Paz desde que mudou-se para Campinas até a presente data, justamente dois quatriênios, não obstante a sua relutância na aceitação desses cargos de honrosa confiança.

Quirino dos Santos vive rodeado de geral estima e verdadeira consideração. No lar doméstico, entre os abençoados afetos da família, é um dos homens mais felizes que eu conheço.

Entretanto, o céu dessa sua invejável felicidade, tem sido um ou outra vez obscurecido pela passagem de nuvens negras, dessas com que o sôpro impiedoso da fatalidade costuma turbar os mais claros e tranquilos firmamentos.

A morte prematura da jovem e prezada irmã do poeta, D. Teresa Quirino dos Santos; a de seu talentos e ilustrado irmão Dr. João Quirino e a de seus três filhos, sendo o último uma linda menina de pouco - mais de um ano, foram golpes por demais rudes para a or-

ganização altamente sensível do poeta, que entretanto soube, como homem de profundas e elevadas crenças religiosas, lutar contra êsse infortunio e sair vitorioso, em honra de seus deveres sociais e da novilíssima missão que a Providência lhe marcou sobre a terra.

O escritor nunca se deixou tomar de desânimo em face às adversidades; trabalha muito e sempre, quer como poeta, quer como advogado ou jornalista.

Atualmente trata ele de fazer imprimir a segunda edição das suas poesias sob o conhecido título - "Estres Errantes", correta e muitíssimo aumentada, sendo que a impressão do livro feita debaixo de todos os preceitos da arte e do bom gosto, acha-se em via de conclusão.

Não obstante o seu imenso trabalho na advocacia, de dia em dia dobra de esforços como jornalista, cujo único e louvável escopo é sempre a vitória do direito e da razão, com os olhos voltados continuamente para a bandeira da democracia, a causa popular e o progresso do seu vasto e futuroso país.

No meio do assustador embate das paixões políticas, que vão pervertendo os caracteres e abalando a segurança das convicções; no meio desse oceano voraz em que vão naufragando as crenças e as esperanças do povo atordoado pela famélica celeuma dos partidos, Quirino dos Santos, sem temer o dilúvio das anomalias, salva-se como Deucalião da mitologia, sempre de pé no seu posto!

Eis aí o que é de justiça dizer-se de tão incansável lidador.

Não me consta que alguém tenha escrito a biografia desse notavel paulista, mesmo remontando do tempo em que ele frequentava a academia.

Tudo o que conheço escrito acêrca de sua vida e do seu talento literário, consta das honrosas palavras do notabilissimo escritor português sr. Inocêncio Francisco da Silva, impressas em um dos volumes do seu "Dicionário Bibliográfico", palavras essas que importam para o dr. Quirino dos Santos uma invejável garantia de nomeada, pelos louvores que aquele autorizado bibliógrafo lhe tributa.

O autor das "Estrelas Errantes" é um dos maiores apreciadores dos bons literatos portugueses, com cujas obras vive em perfeita familiaridade.

A sua biblioteca é escolhida e abundante, e dela vive o fecundo estilista haurindo, sem cessar, novos e úteis conhecimentos para o seu já não pequeno cabedal de ilustração.

Finalizando este rápido e desalinha-do trabalho, não sei se seria de bom tom descrever, em dois traços apenas, a figura física do ilustre biografado, uma vez que outro tanto fiz em relação à fisionomia moral e literária desse generoso e altivo caráter.

Como quer que seja, esquivo-me à difícil tarefa, asseverando apenas que: se o poeta das "Es-trelas Errantes" não prima nem pela estatura e nem pela rigidez de compleição, possui, sem dúvida alguma, porte airoso, fronte elevada, e no semblante esse misterioso - toque se simpatia indicativo das inesgotáveis riquezas do coração.

Faltar-lhe-ia por venturaum pouco des

se assombroso "aplomb" peculiar a insolentes vaidosos se a sua natureza não fosse, como é, tão refratária à mentira e à frivolidade.

É, todavia um belo vulto, insinuante, correto, imponente.

Em conclusão:

Do Dr. Francisco Quirino dos Santos como escritor e poeta pode-se dizer o mesmo que o biógrafo Del Rio disse de Espronceda:

- Esplendorosa fantasia, entonação robusta, ousado na forma, elegante nas locuções...

Não sou eu só que o digo, é também a opinião pública.

S. Paulo, 17 de setembro de 1875.